

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO JESUÍTICA:
APRENDIZAGEM INTEGRAL, SUJEITO E CONTEMPORANEIDADE.**

ELAINE MACHADO DA SILVA GUARALDE

**ECOPEDAGOGIA E PARADIGMA PEDAGÓGICO INACIANO:
CONSTRUINDO CIDADANIA PLANETÁRIA EM AMBIENTES
FACILITADORES E APRENDIZAGEM (AFA)**

Nova Friburgo

2025

ELAINE MACHADO DA SILVA GUARALDE

**ECOPEDAGOGIA E PARADIGMA PEDAGÓGICO INACIANO:
CONSTRUINDO CIDADANIA PLANETÁRIA EM AMBIENTES
FACILITADORES E APRENDIZAGEM (AFA)**

Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação, pelo Curso de Especialização em Educação Jesuítica: Aprendizagem Integral, Sujeito e Contemporaneidade da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Orientadora: Prof^a. Dra. Isa Mara da Rosa Alves

Nova Friburgo

2025

**ECOPEDAGOGIA E PARADIGMA PEDAGÓGICO INACIANO:
CONSTRUINDO CIDADANIA PLANETÁRIA EM AMBIENTES
FACILITADORES E APRENDIZAGEM (AFA)**

Elaine Machado da Silva Guaralde

Resumo: Este Trabalho de Conclusão de Curso investiga como a integração entre a Ecopedagogia e o Paradigma Pedagógico Inaciano (PPI) pode contribuir para a formação da cidadania planetária em Ambientes Facilitadores de Aprendizagem (AFA) no contexto escolar. Motivado pela urgência de uma educação comprometida com os desafios socioambientais contemporâneos, o estudo teve como objetivo principal analisar práticas pedagógicas que favoreçam a construção de sujeitos críticos, éticos e comprometidos com a sustentabilidade. A pesquisa, de abordagem qualitativa, contou com a escuta de professores de diferentes segmentos do Colégio Anchieta de Nova Friburgo, por meio de entrevistas e aplicação de questionários. Os resultados revelam que, embora haja reconhecimento do potencial educativo dos espaços ecológicos da escola, ainda há lacunas quanto à intencionalidade pedagógica e à articulação entre currículo e sustentabilidade. A fundamentação teórica apoia-se em autores como Gutiérrez e Prado, Paulo Freire, Edgar Morin, Maria Cândida Moraes e nas diretrizes da Companhia de Jesus, especialmente o Paradigma Pedagógico Inaciano. Conclui-se que a construção de currículos em movimento, fundamentados em princípios ecopedagógicos e inacianos, pode promover uma formação integral orientada para a ética do cuidado, a justiça socioambiental e o bem viver.

Palavras-chave: Ecopedagogia. Paradigma Pedagógico Inaciano. Cidadania planetária. Sustentabilidade. Ambientes Facilitadores de Aprendizagem.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho possui especial relevância em minha caminhada profissional. É um esperar poder pesquisar e refletir sobre a necessidade de reorganização de currículos que repensem metodologias, recriando tempos e espaços do aprender que possam caminhar em franco progresso com estratégias que promovam cada vez mais a humanização das escolas, principalmente no que diz respeito às questões ambientais.

O tema Ecopedagogia¹ e Paradigma Pedagógico Inaciano (PPI): construindo Cidadania Planetária² em Ambientes Facilitadores de Aprendizagem (AFA)³ é pertinente ao contexto atual. Contexto esse que é fortemente marcado por questões ambientais locais e globais, como as mudanças climáticas extremas, a perda de biodiversidade, as queimadas, a degradação dos ecossistemas e o racismo ambiental⁴. Tais questões exigem uma reflexão sobre o papel da educação na formação de pessoas que ressignifiquem as próprias experiências formadoras, transformando-as em experiências de reconstrução do trabalho docente no que diz respeito a processos como alfabetização ecológica, letramento ecológico e contextualização de questões ambientais no espaço escolar. A Ecopedagogia, com sua abordagem crítica e reflexiva voltada para a educação ambiental, e o PPI, centrado na formação integral do indivíduo por meio de contexto, experiência, reflexão, ação e avaliação, apresentam-se como ferramentas fundamentais para transformar a educação e promover a cidadania planetária.

Este estudo é relevante para fomentar a construção de Ambientes Facilitadores de Aprendizagem que incorporem saberes voltados à formação de sujeitos responsabilizados com a dimensão intra e extraescolar, diante dos múltiplos desafios que esse século nos impõe, principalmente no que diz respeito à relação homem-natureza, podendo oferecer uma resposta eficaz para formar nos alunos a consciência de planetariedade⁵. O Paradigma Pedagógico Inaciano (PPI), ao promover o contexto,

1 Ecopedagogia é uma proposta educativa que visa integrar consciência ecológica crítica e formação cidadã planetária, inspirada na pedagogia crítica de Paulo Freire, em defesa da vida e da sustentabilidade (GUTIÉRREZ; PRADO, 2006). Ao longo do trabalho, apresentaremos em mais detalhes e refletiremos sobre este conceito.

2 Cidadania planetária refere-se à consciência e ao compromisso ético de que todos os seres humanos fazem parte de uma mesma comunidade global, interdependente e responsável pela preservação da vida em todas as suas formas no planeta. Essa perspectiva amplia a noção tradicional de cidadania, incorporando valores como solidariedade, sustentabilidade e justiça social em escala mundial (GUTIÉRREZ; PRADO, 2006). Ao longo do trabalho, apresentaremos em mais detalhes e refletiremos sobre este conceito.

3 Ambientes facilitadores de aprendizagem são espaços intencionalmente organizados para promover experiências significativas, nas quais o estudante se reconhece como sujeito ativo no processo educativo, em diálogo com o mundo e com os outros. Esses ambientes são construídos com base na escuta sensível, no acolhimento e na valorização das múltiplas dimensões da aprendizagem, promovendo a reflexão crítica, o vínculo afetivo e a ação comprometida. (ALVES; BORBA, 2021).

4 Racismo ambiental é a discriminação socioambiental que ocorre quando comunidades pobres, negras, indígenas ou tradicionais são desproporcionalmente expostas a riscos ambientais, como poluição, desastres ecológicos ou ausência de infraestrutura básica, revelando a relação entre desigualdade social, racial e degradação ambiental (ACSELRAD, 2004).

5 Planetariedade é a consciência da interconexão de todos os seres e sistemas da Terra, reconhecendo a unidade na diversidade da vida e a responsabilidade coletiva pela preservação do planeta. Essa ideia

a experiência, a reflexão, a ação e a avaliação, complementa os princípios da Ecopedagogia, que visa a desenvolver sujeitos capazes de mudar mentalidades e comportamentos, promovendo a formação de cidadãos cada vez mais ambientalmente envolvidos.

Este estudo destaca-se pela necessidade crescente de integrar práticas pedagógicas inovadoras nos currículos escolares que vão além do conhecimento teórico, preparando os alunos para atuar como cidadãos globais responsáveis. Portanto, investigar a integração da Ecopedagogia com o PPI em Ambientes Facilitadores de Aprendizagem é essencial para compreender como essas abordagens podem ser aplicadas de forma prática e eficaz nas instituições de ensino.

A integração da Ecopedagogia com o PPI em Ambientes Facilitadores de Aprendizagem requer uma dialogicidade entre currículos e planejamentos. É essencial refletir sobre a forma com que o aluno se relaciona com o conhecimento dentro do ambiente escolar e na vida cotidiana, promovendo conexões significativas do aluno com o saber, atribuindo sentido ao que se aprende, relacionando o conteúdo escolar com contexto, experimentação, reflexão, ação e avaliação sobre o mundo que os cerca, ou seja, conteúdos que façam sentido para o aluno apresentando relevância e aplicabilidade do que está sendo aprendido. Nesse sentido:

A relação com o saber é também relação com o outro quando o sujeito desde a infância até a vida adulta, estabelece relações em seu convívio familiar, escolar e social e nestas esferas, compartilha conhecimento, reflete, indaga, reformula e finalmente, aprende o que deseja, o que lhe é interessante, o que lhe faz sentido. (CHARLOT, 2000, p. 28).

A implantação de Ambientes Facilitadores de Aprendizagem com uma intencionalidade que permaneça explicitada à medida que o aprendente percebe a importância do conhecimento para sua vida, seu desenvolvimento pessoal, bem como para a sociedade, agindo e modificando-a é condição para um protagonismo que transcende a sala de aula. Nessa ótica:

A conscientização está evidentemente ligada à utopia, implica em utopia. Quanto mais conscientizados nos tornamos, mais capacitados estamos para ser anunciadores e denunciadores, graças ao compromisso de transformação que assumimos". Mais do que uma função social, a educação carrega o compromisso de estimular aprendizagem e produção de conhecimento dos aprendizes para que sejam capazes de ler o mundo e conhecer sua realidade,

propõe uma visão integrada e solidária do mundo, superando fragmentações e incentivando a construção de uma cidadania global (MORIN, 2005). Ao longo do trabalho, apresentaremos em mais detalhes e refletiremos sobre os conceitos aqui abordados.

para transformá-la. É tarefa da educação promover a esperança, mas, com ação (FREIRE, 1979, p.16).

O resultado deste estudo pode contribuir para a valorização de espaços educativos e Ambientes Facilitadores de Aprendizagem, enriquecendo o currículo e reformulando práticas para além da aula transmissiva e direcional, reforçando a importância da intencionalidade nos planejamentos que visa a formação de sujeitos integrais sejam em práticas de convivência, experiências concretas e valores do bem comum. Em consonância com Libâneo que diz:

A ação de planejar, portanto, não se reduz ao simples preenchimento de formulários para controle administrativo, é antes, a atividade consciente da previsão das ações político-pedagógicas, e tendo como referência permanente às situações didáticas concretas (isto é, a problemática social, econômica, política e cultural) que envolve a escola, os professores, os alunos, os pais, a comunidade, que integram o processo de ensino (LIBÂNEO, 1994, p.222).

Estamos diante de uma crise educacional. O modelo de escola que vivenciamos hoje não corresponde em sua plenitude às inquietações e curiosidades dos educandos. Existe uma urgência em acelerar essas reflexões, resgatando processos pedagógicos do próprio PPI no que diz respeito à mediação entre os sujeitos e o mundo, um instrumento para a melhor interpretação da realidade e para a mudança. De acordo com a metáfora de Bauman (2009), a escola “reduz os alunos ao plâncton”: estes estão sujeitos a serem transportados por ondas casuais, sem encontrar um lugar onde permanecer ou apoiar-se para resistir à maré. Segundo Silva (1992), a escola perde sua capacidade de cultivar a interrogação da vida e da existência: em lugar de valores permanentes prioriza-se a performance e o circunstancial, formam-se competências e não mais ideais, os jovens estão submetidos ao cotidiano que cultua o presente, a superfície e o imediato.

O problema investigado buscou identificar de que maneira a integração da Ecopedagogia ao PPI pode contribuir para a formação de cidadania planetária em ambientes facilitadores de aprendizagem estruturados em ambientes educativos que promovam reflexos transformadores na sociedade.

Nesse contexto, este artigo tem como **objetivo geral** analisar como a integração da Ecopedagogia ao PPI pode contribuir para a formação de cidadania planetária em ambientes facilitadores de aprendizagem em novas visões paradigmáticas: complexidade e transdisciplinaridade.

Para desenvolver este trabalho os **objetivos específicos** são (i) identificar os princípios e práticas pedagógicas centrais da Ecopedagogia e do PPI, bem como sua

integração que favorecem a educação para a sustentabilidade e os saberes necessários à educação do futuro; (ii) investigar como os ambientes facilitadores de aprendizagem podem ser estruturados para incorporar elementos da Ecopedagogia e do PPI promovendo currículos em movimento; (iii) analisar o impacto da aplicação dessas abordagens pedagógicas na formação de alunos comprometidos com a cidadania planetária e a preservação ambiental e (iv) propor estratégias pedagógicas que integrem a Ecopedagogia e o Paradigma PPI visando a promover a compreensão dos problemas socioambientais em suas múltiplas dimensões, fornecendo a mediação entre saberes locais e tradicionais, além dos saberes científicos.

Para desenvolver esse trabalho foi realizada uma pesquisa qualitativa para entender a visão dos educadores sobre a estruturação e uso de ambientes facilitadores de aprendizagem em espaços educativos que desenvolvam cidadania planetária dentro do PPI, através do modelo de entrevista semiestruturada, proporcionando um espaço de escuta e coleta de dados.

O artigo está estruturado como segue: a seção 2, “Fundamentação Teórica”, identifica os princípios e práticas pedagógicas centrais da Ecopedagogia e do Paradigma Pedagógico Inaciano e sua integração em prol do desenvolvimento da planetariedade; a seção 3, “A pesquisa: ouvindo o corpo docente do Colégio Anchieta”, apresenta a investigação realizada para entender qual vem sendo a visão dos professores sobre os principais temas tratados nesse artigo; a seção 4, “*Proposta: territórios de aprendizagem: ambientes vivos para a formação integral*”, apresenta os dados coletados e os resultados, propondo a aplicação de abordagens pedagógicas na formação de professores e alunos comprometidos com a cidadania planetária e a preservação ambiental gerando aprendizagens significativas que possam ser refletidas em processos sociais de busca pelo sentido da vida e do bem viver.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta seção abordará os seguintes conceitos que fundamentarão a análise de dados deste estudo: em 2.1, a Ecopedagogia; em 2.2, PPI e a Cidadania Planetária e em 2.3 os Ambientes facilitadores de aprendizagem como estruturantes de currículos em movimento.

2.1 Ecopedagogia

A educação para a sustentabilidade e os saberes necessários à educação do futuro demandam abordagens pedagógicas que promovam uma consciência ecológica profunda e uma formação integral do sujeito.

Uma abordagem pedagógica que tem como objetivo formar cidadãos conscientes, críticos e responsáveis pelo cuidado com a vida e o planeta é a Ecopedagogia. Esta seção destina-se a identificar os princípios e práticas pedagógicas centrais da Ecopedagogia.

Gutiérrez e Prado (2002) concebem a Ecopedagogia como a aquisição de aprendizagens e conhecimentos a partir de contextos reais que promovam experiências em ambientes que possam educar o olhar de cada aprendente a partir de um análise do cotidiano que possam despertar o chamado eu ecológico.

No I Encontro Internacional da Carta da Terra na Perspectiva da Educação, realizado com o objetivo de propor a adoção da Carta da Terra como marco ético e pedagógico para a educação em todos os níveis, destacou-se a necessidade de formar sujeitos críticos, éticos e comprometidos com a justiça social, a sustentabilidade e a cidadania planetária. Durante o evento, também foi aprovada a Carta da Ecopedagogia: em defesa de uma pedagogia da Terra, reafirmando a importância de práticas educativas voltadas à preservação ambiental e à solidariedade planetária (GADOTTI, 2000, p. 184).

O encontro defendia que a Carta da Terra não fosse apenas compreendida como um documento de princípios teóricos, mas se tornasse um guia prático para transformar a educação, alinhando práticas pedagógicas a uma visão ética, sustentável e global. Incentivava-se que a educação formal e não formal incorporasse os princípios da Carta nos currículos, projetos pedagógicos e práticas escolares, promovendo a transversalidade da sustentabilidade e uma abordagem transformadora da educação. Além de propagar os conceitos fundamentais da Ecopedagogia, o documento fortalecia a articulação entre valores, saberes e práticas, integrando responsabilidade socioambiental, cidadania planetária e ética do cuidado, na formação de sujeitos comprometidos com a proteção da vida em todas as suas formas.

Nesse sentido, a perspectiva ecopedagógica reforçada pela Carta da Terra dialoga diretamente com a concepção apresentada por Gutiérrez e Prado (1998), para quem “a Ecopedagogia é uma pedagogia que promove a aprendizagem do sentido das coisas a partir da vida cotidiana”. Para que essa proposta se concretize, é necessário repensar os processos de construção do conhecimento, especialmente

aqueles relacionados à internalização do conceito de ecologia profunda⁶, formando, mais do que sujeitos aprendentes, cidadãos ecologicamente alfabetizados.

Segundo Devall e Sessions (1985, p. 68), a ecologia profunda valoriza todas as formas de vida como intrinsecamente dignas, independentemente de sua utilidade para os seres humanos, propondo uma mudança ética profunda na relação sociedade-natureza. Essa perspectiva dialoga diretamente com os princípios da Carta da Terra, que propõem uma educação voltada para a sustentabilidade e a justiça social, e também com a Ecopedagogia, ao enfatizar a necessidade de formar sujeitos conscientes da interdependência entre todas as formas de vida e comprometidos com a construção de uma cidadania planetária. Essa perspectiva, ao reconhecer a unidade entre o ser humano e a natureza, também é ressaltada por Fritjof Capra em seu livro *A Teia da Vida* (1997), no qual o autor observa que a ecologia profunda em uma concepção que não separa o ser humano da natureza e ganha centralidade na nova visão da realidade, baseada na interconexão de todos os sistemas vivos.

De acordo com Capra (1997, p. 290),

Estar ecologicamente educado significa precisamente compreender princípios ecológicos e utilizá-los para criar comunidades humanas sustentáveis. É necessário reinstalar nossas comunidades, de modo que os princípios da ecologia se manifestem nesses princípios de educação, empresa e política.

Portanto, formar tais cidadãos exige renunciar a uma ecologia superficial. É necessário compreender princípios ecológicos que agregam em si uma verdade soberana: tudo está interligado e existe uma interdependência de fenômenos que garantem a continuidade da Teia da Vida.

A compreensão da vida como uma rede interdependente de relações é uma concepção antiga, presente em diversas culturas tradicionais. No entanto, foi no século XX, com os avanços da ecologia e da teoria dos sistemas, que essa visão foi sistematizada cientificamente. Fritjof Capra, em sua obra *A Teia da Vida* (1997), consolida essa perspectiva ao apresentar uma nova compreensão da realidade, baseada na complexidade, na interconexão e na interdependência entre todos os sistemas vivos. Essa visão é fundamental para a construção de uma cidadania planetária, pois evidencia a necessidade de repensar os modos de viver, produzir e

⁶ A **Ecologia Profunda**, ao valorizar todas as formas de vida como intrinsecamente dignas e ao propor uma mudança ética profunda na relação sociedade-natureza (DEVALL; SESSIONS, 1985), representa uma ruptura com o paradigma antropocêntrico tradicional. Essa visão é aprofundada por Fritjof Capra em *A Teia da Vida* (1997), ao destacar que a ecologia profunda contribui para a formação de uma nova percepção da realidade, na qual o ser humano é compreendido como parte indissociável da teia de relações ecológicas que sustentam a vida no planeta.

educar à luz da sustentabilidade e da responsabilidade ética com todas as formas de vida.

Ao olharmos para uma formação integral em uma perspectiva do PPI, é importante considerar que Papa Francisco nos orienta sobre a relação do homem com o meio ambiente: “Tudo está interligado. Por isso, exige-se uma preocupação pelo meio ambiente, unida ao amor sincero pelos seres humanos e a um compromisso constante com os problemas da sociedade” (FRANCISCO, 2015, n. 91). Na encíclica *Laudato si'*⁷, o Papa Francisco faz um chamado pela conversão ecológica, definida pelo Movimento *Laudato si* (2015) como “o processo de reconhecer nossa contribuição à crise social e ecológica e agir para cultivar a comunhão: curando e renovando nossa Casa Comum.” Para atingirmos esse estado de conversão, essencial para a continuidade da vida na Terra, os processos de alfabetização e letramento ecológicos se fazem fundamentais.

Esse contexto de olhar integrador remete-nos para o conceito de *planetariedade*. De acordo com Pereira et al. (2007), “a planetariedade é uma opção de vida por uma relação saudável e equilibrada com o contexto, consigo mesmo, com os outros, com o ambiente mais próximo e com os demais ambientes”. Refletir sobre uma pedagogia que trata a planetariedade em sua dimensão política é admitir que o eu ecológico possui uma interface social que engloba aspectos espirituais e éticos que são condição *sine qua non* para promover sociedades cada vez mais sustentáveis construída por seres humanos em devir, onde se faz necessária a promoção de aprendizagens cada vez mais ricas em valores, possuindo estratégias que culminem em construções coletivas em prol da cidadania planetária.

Ao tomar consciência de que o sentido da vida humana não está separado do sentido do próprio planeta é necessário que o processo educacional humanize os modos de vida e promova reflexões sobre o discernimento nas escolhas, concretizando a conversão ecológica, que implica uma transformação interior e estrutural enquanto indivíduos e uma transformação coletiva enquanto sociedade a fim de promover um repensar de hábitos e modelos de desenvolvimento, adotando práticas mais responsáveis e éticas em relação ao meio ambiente.

7 A encíclica *Laudato Si'*, publicada em 2015 pelo Papa Francisco, aborda a ecologia integral e a necessidade de um compromisso global com o cuidado da Casa Comum. O documento destaca a interconexão entre questões ambientais, sociais e econômicas, convocando indivíduos, comunidades e governos a adotarem um modelo sustentável e solidário de desenvolvimento.

De acordo com mensagem do Papa Francisco, em seu Pacto Educativo Global⁸ (Vaticano, 2019), “todas as mudanças precisam de um caminho educativo para fazer amadurecer uma nova solidariedade universal e uma sociedade mais acolhedora”

O grande desafio está na concretização da conversão ecológica e a Ecopedagogia através da implementação de práticas pedagógicas em espaços que promovam aprendizagem. Trata-se da necessidade de um repensar de espaços educativos que gerem experiências contextualizadas, enriquecendo o currículo, quando não renovando-o a fim de instigar rupturas com visões antropocêntricas, estruturando vivências que estreitem o sentimento de integralidade com o planeta.

Conclui-se que a escola deve tornar-se um espaço de experimentação e transformação social, agregando a Ecopedagogia à sua realidade, dada a exigente e veloz necessidade de mudança de paradigmas em nível pessoal e coletivo.

Conforme as considerações da Carta da Pedagogia (1999, apud PEREIRA *et al.* 2007, p.86):

A sustentabilidade econômica e a preservação do meio ambiente dependem também de uma consciência ecológica e esta da educação. A sustentabilidade deve ser um princípio interdisciplinar reorientador da educação, do planejamento escolar, dos sistemas de ensino e dos projetos políticos pedagógicos da escola. Os objetivos e conteúdos curriculares devem ser significativos para o(a) educando(a) e também para a saúde do planeta.

Diante dos desafios contemporâneos e da necessidade urgente de ressignificar a educação, a Ecopedagogia propõe princípios que orientam práticas educativas transformadoras. Entre esses princípios destaca-se a profunda conexão com a Terra, reconhecendo que seres humanos são parte integrante da natureza, e não seres separados dela. Educar para a responsabilidade ética implica formar sujeitos capazes de adotar atitudes conscientes e solidárias, tanto em relação ao meio ambiente quanto às questões sociais, fundamentando ações que respeitem a dignidade humana e a vida em todas as suas formas. Assim, a construção da cidadania planetária surge como pilar central, buscando formar indivíduos que pensem localmente, mas que ajam globalmente, conscientes da interdependência que rege os sistemas ecológicos e sociais. A valorização da sustentabilidade e da justiça social, neste contexto, fortalece o compromisso educativo com a defesa dos direitos humanos, a preservação dos ecossistemas e a promoção de um futuro mais equitativo e solidário. Esses princípios

8 O *Pacto Educativo Global* é uma iniciativa lançada pelo Papa Francisco em 2019, com o objetivo de repensar a educação a partir de uma perspectiva integral, humanista e sustentável. O pacto propõe um compromisso coletivo entre educadores, estudantes, famílias e a sociedade para formar cidadãos comprometidos com a fraternidade, a justiça social e o cuidado com o meio ambiente.

orientam a necessária reorganização dos currículos e das práticas pedagógicas, favorecendo o desenvolvimento de sujeitos integrais, engajados na construção de uma sociedade mais justa e sustentável.

Conclui-se, portanto, que a escola deve tornar-se um espaço de experimentação e transformação social, incorporando a Ecopedagogia à sua realidade, diante da exigente e veloz necessidade de mudança de paradigmas em nível pessoal e coletivo.

2.1 Paradigma Pedagógico Inaciano e a cidadania planetária

Esta seção analisa como a integração da Ecopedagogia ao Paradigma Pedagógico Inaciano pode contribuir para a formação de cidadania planetária conceito que nos remete à seção anterior, onde exploramos como a integração entre a Ecopedagogia e o Paradigma Pedagógico Inaciano (PPI) pode contribuir significativamente para a formação da cidadania planetária. Discutimos que a Ecopedagogia propõe uma educação voltada para a sustentabilidade, enfatizando a interdependência entre todos os seres vivos e a necessidade de uma consciência ecológica profunda. Essa abordagem educativa busca formar sujeitos críticos e responsáveis, capazes de agir localmente com uma perspectiva global, promovendo a justiça social e ambiental. O PPI, por sua vez, complementa essa visão ao enfatizar a formação integral do indivíduo por meio de contexto, experiência, reflexão, ação e avaliação, incentivando uma prática educativa que transcende a mera transmissão de conhecimentos, visando à transformação pessoal e social. Juntas, essas abordagens pedagógicas oferecem um caminho promissor para repensar os currículos escolares, incorporando práticas que promovam a humanização das escolas e a construção de uma sociedade mais justa e sustentável.

A Ecopedagogia e o PPI, presente na tradição educacional da Companhia de Jesus, oferecem princípios e práticas que favorecem essa formação, ao articularem os conceitos de experiência, reflexão crítica e a ação transformadora. Ambas as abordagens enfatizam a interdependência entre seres humanos e meio ambiente, instigando um olhar ecológico que vai além do conhecimento técnico, buscando a vivência de valores éticos e a construção de um compromisso socioambiental. Essa perspectiva se alinha ao chamado da Encíclica *Laudato Si'* do Papa Francisco, que propõe uma conversão ecológica capaz de reorientar hábitos e modelos de desenvolvimento em favor da sustentabilidade planetária. Assim, refletir sobre esses princípios pedagógicos torna-se essencial para transformar espaços educativos em

ambientes de experimentação, discernimento e compromisso com um futuro mais sustentável.

O Paradigma Pedagógico Inaciano orienta educadores e educandos, promovendo uma mediação entre sujeitos e o mundo, consciente dos desafios contemporâneos, como a construção de novos caminhos para a relação entre ser humano e natureza. Caminhos estes que conduzam à formação da pessoa inteira.

De acordo com Características da Educação da Companhia de Jesus (1987, p. 53) :

A finalidade da educação jesuíta nunca foi simplesmente a aquisição de um acervo de informações e de técnicas, ou a preparação para uma carreira, embora estas sejam importantes em si mesmas e úteis para os futuros líderes cristãos. O fim último da educação secundária da Companhia de Jesus é antes o crescimento pleno da pessoa que leva à ação.

A questão ambiental e a formação do cidadão planetário são aspectos fundamentais dentro da prática pedagógica inaciana. Segundo Edgar Morin (2000), a educação deve possibilitar a compreensão global e contextualizada da realidade, promovendo a transdisciplinaridade e o pensamento complexo. Essa abordagem ressoa com a proposta jesuítica, pois formar integralmente a pessoa humana requer a união de dimensões teológicas, antropológicas e cosmológicas, reformulando saberes escolares e proporcionando descobertas que ordenem e transformem a realidade.

Toda prática pedagógica necessita da incorporação de um servir que fomente engajamento na conservação e preservação da natureza. Gadotti (2000) reforça essa ideia ao afirmar que a educação sustentável deve cultivar uma consciência ecológica crítica, promovendo atitudes éticas que favoreçam o pertencimento ao universo. No contexto inaciano, esse compromisso se manifesta na intencionalidade pedagógica, que busca desenvolver no aprendente a competência, a compassividade, a consciência, o comprometimento e a criatividade.

Dessa forma, segundo o Pe. Luiz Fernando Klein:

A meta da Pedagogia Inaciana é ajudar a formar o ser humano, através do processo educativo – formal e não formal – a reconhecer a sua dignidade, a sua filiação divina, a sua vocação a ser. Empenha-se em estimular as pessoas a desenvolver ao máximo suas potencialidades e dimensões, a exercer sua liberdade, a atuar com autonomia e personalidade na transformação da sociedade, a solidarizar-se com os demais e com o meio ambiente (ENCONTRO DE DIRETORES ACADÊMICOS DE COLÉGIOS JESUÍTAS DA AMÉRICA LATINA, 2014, p.2)

Entende-se, portanto, que o paradigma pedagógico inaciano é capaz de aliar conhecimento acadêmico à formação ética e pessoal. Quando aplicado à construção do cidadão planetário, esse modelo educativo promove uma educação crítica e comprometida com a justiça social e a sustentabilidade global, aspectos também enfatizados por Boff (1999), que defende a necessidade de um olhar mais compassivo e cuidadoso sobre o planeta. Esse processo educativo interfere na personalização, socialização e ecologização do aprendente, humanizando o ensino e promovendo discernimento sobre as implicações de suas escolhas como cidadão planetário.

O Pe. Peter-Hans Kolvenbach reforça essa perspectiva ao afirmar que “se nossa educação aspira exercer influência ética na sociedade, devemos conseguir que se desenvolva tanto no plano moral como intelectual (1993, p.138).

Em um mundo marcado pela liquidez e pela superficialidade (BAUMAN, 2000), é essencial repensar currículos e estratégias que não apenas eduquem intelectualmente, mas que preparem os aprendentes para lidar com as incertezas. Como argumenta Maria Cândida Moraes (2008), uma educação transdisciplinar e ecoformadora é fundamental para promover processos de alfabetização e letramentos ecológicos capazes de transformar realidades.

Aplicando os princípios do Paradigma Pedagógico Inaciano na construção do cidadão planetário, destacam-se elementos essenciais como a compreensão da realidade local e global, a experiência baseada em vivências concretas, a reflexão crítica, a ação transformadora e a avaliação contínua do aprendizado. Esses aspectos convergem com a ideia de Gadotti (2008), para quem a ecoformação promove um engajamento ético e um ressignificar da relação entre sujeito e ambiente.

Para concluir a seção registra-se que no paradigma pedagógico inaciano, a ação transformadora na sociedade depende da modificação interna do aprendente, que incorpora novos valores e se dispõe a oferecer um serviço planetário à sociedade. A partir de temas cuidadosamente trabalhados na aprendizagem, essa abordagem possibilita a construção de um projeto educativo que responde aos desafios contemporâneos, formando sujeitos críticos, reflexivos e comprometidos com a transformação do mundo.

2.3 Ambientes facilitadores de aprendizagem como estruturantes de currículos em movimento

Na seção anterior, exploramos como a integração entre a Ecopedagogia e o Paradigma Pedagógico Inaciano (PPI) pode mobilizar a formação de uma cidadania planetária, destacando a importância de uma educação que promova a alfabetização e letramento ecológicos, a consciência ética e a interdependência entre os seres humanos e a natureza.

Esta seção investiga como os “ambientes facilitadores de aprendizagem” (ALVES e BORBA, 2016), podem ser estruturados para incorporar elementos da Ecopedagogia e do Paradigma Pedagógico Inaciano para promover currículos em movimento.

A construção de Ambientes Facilitadores de Aprendizagem (AFA) fundamenta-se em concepções pedagógicas que promovem o desenvolvimento integral dos aprendentes. Jacques Delors, em seu relatório para a UNESCO intitulado *Educação: um tesouro a descobrir*, propõe quatro pilares fundamentais para a educação. Esses pilares orientam a estruturação de ambientes educativos que não apenas transmitem conhecimento, mas também desenvolvem habilidades práticas, promovem a convivência harmoniosa e incentivam o autoconhecimento e a autonomia dos estudantes. Ao considerar esses pilares, os educadores podem planejar experiências de aprendizagem que desenvolvam competências cognitivas, práticas, sociais e pessoais, essenciais para a formação de cidadãos conscientes e atuantes na sociedade.

A estruturação de ambientes facilitadores de aprendizagem em espaços educativos formais ou informais deve ocorrer tendo os quatro pilares da Educação como princípio fundante para suscitar práticas pedagógicas consistentes com saberes necessários à educação do futuro, garantindo atividades, papéis e relações interpessoais experienciadas pela pessoa em desenvolvimento nos contextos em que estabelece relações com características físicas e materiais desses ambientes.

Complementando essa perspectiva, Urie Bronfenbrenner apresenta a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, que enfatiza a importância dos múltiplos contextos nos quais o indivíduo está inserido. Sua teoria destaca que o desenvolvimento humano é influenciado por interações em diferentes níveis: o microsistema (ambientes imediatos como família e escola), o mesossistema (interações entre os diferentes microsistemas), o exossistema (contextos indiretos que afetam o indivíduo) e o macrossistema (valores culturais e normas sociais). Ao aplicar essa teoria na educação, é possível reconhecer e valorizar as influências dos diversos sistemas ecológicos no processo de aprendizagem, promovendo uma educação mais contextualizada e significativa.

Integrando as concepções de Delors e Bronfenbrenner, os Ambientes Facilitadores de Aprendizagem tornam-se espaços dinâmicos e interativos, onde os aprendentes são encorajados a construir conhecimento de forma ativa, relacionando-o com suas experiências de vida e contextos sociais. Essa abordagem contribui para uma formação integral e comprometida com a transformação social, preparando os indivíduos para enfrentar os desafios do século XXI com responsabilidade e ética.

Dessa forma, segundo Delors et al (2006, p.100):

Em uma altura em que os sistemas educacionais formais tendem a privilegiar o acesso ao conhecimento em detrimento a outras formas de aprendizagem, importa conceber a educação como um todo. Esta perspectiva deve no futuro, inspirar e orientar as reformas educativas, tanto em nível de elaboração de programas como da definição de novas políticas pedagógicas.

Segundo Alves e Borba (2016) para que o ambiente facilitador de aprendizagem (AFA) – um elemento habilitador para o processo de aprendizagem – seja construído, faz-se necessária uma articulação entre três elementos centrais: princípios metodológicos, tecnologia, design estratégico e infraestrutura, levando em conta os dois principais atores do processo (alunos e professores) e as diferentes formas de relação que se estabelecem entre eles.

Os ambientes facilitadores de aprendizagem deverão ser estrategicamente desenhados considerando os princípios e a escolha das estratégias metodológicas adequadas a cada situação de ensino que deverá internalizar saberes e conhecimentos prévios dos aprendentes, os chamados “currículos ocultos”, analisando episódios de aprendizagem situada, suas relações com o multiletramento e as várias possibilidades educadoras que estes podem oferecer.

Ainda segundo os autores, a tecnologia impacta os ambientes facilitadores de aprendizagem de forma direta ou indireta, seja na influência da tecnologia nas práticas sociais ou ao uso que professores e alunos fazem dessas tecnologias como ferramenta de ensino e aprendizagem, além do apoio ao professor no monitoramento de alunos e auxílio ao (re)planejamento quando necessária a reorientação de uma rota.

No que se refere ao design estratégico e à infraestrutura, os autores citados sugerem aplicar esse conceito em sala de aula, pensando no processo de projeção da experiência entre alunos e professores, ou seja, o professor é um projetista que usa ferramentas e metodologias do design estratégico para construir um processo de empatia significativo que facilita a construção de um espaço de ensino-aprendizagem.

Como diz Ladislau Dowbor (1998), a escola deixará de ser “lecionadora” para ser “gestora do conhecimento”. Segundo o autor, pela primeira vez a educação tem a

possibilidade de ser determinante sobre o desenvolvimento (Dowbor, 2008). A educação tornou-se estratégica para o desenvolvimento, mas, para isso, não basta “modernizá-la”, como querem alguns. Será preciso transformá-la profundamente. Embora o termo tecnologia seja amplamente associado às tecnologias digitais, é fundamental reconhecer que métodos e ferramentas não digitais, analógicas ou híbridas também desempenham um papel significativo na coleta e análise de dados sobre a aprendizagem. Estratégias como portfólios, diários de classe, mapas conceituais, rubricas avaliativas e observação pedagógica permitem uma compreensão mais qualitativa e contextualizada do processo educativo. Além disso, instrumentos tradicionais, como questionários e pesquisas manuais, continuam sendo eficazes para avaliar a experiência dos alunos, fornecendo dados valiosos sobre o engajamento, desafios e percepções no ambiente de ensino e a ênfase na elaboração e implementação de ambientes facilitadores de aprendizagem.

A partir da perspectiva da Ecopedagogia, que enfatiza a interconexão entre educação e meio ambiente, a análise da aprendizagem deve considerar não apenas dados quantitativos, mas também a forma como os alunos desenvolvem uma consciência planetária e assumem seu papel na transformação socioambiental. Nesse sentido, o Paradigma Pedagógico Inaciano (PPI), com suas dimensões de contexto, experiência, reflexão, ação e avaliação, propõe um olhar integral sobre o processo educativo, estimulando a criticidade, a ética e a responsabilidade social dos estudantes.

Assim, a combinação de abordagens digitais e não digitais pode enriquecer as análises educacionais, possibilitando uma visão mais ampla e aprofundada da aprendizagem. A utilização de métodos híbridos, alinhados aos princípios da Ecopedagogia e do PPI, permite um acompanhamento mais humano e personalizado, promovendo uma educação que valoriza tanto a quantificação quanto a interpretação qualitativa dos dados educacionais, sempre em diálogo com a formação de cidadãos comprometidos com a justiça socioambiental e a transformação da realidade.

Espera-se que dadas as reflexões apresentadas, o leitor compreenda os Ambientes Facilitadores de Aprendizagem (AFA) como espaços intencionalmente planejados que promovem o desenvolvimento integral dos aprendentes. Esses ambientes incorporam os quatro pilares da educação propostos por Delors (1998), aprender a conhecer, a fazer, a viver juntos e a ser, reconhecendo, então, a influência dos múltiplos contextos descritos na Teoria Bioecológica de Bronfenbrenner. Além disso, os AFA valorizam a integração de metodologias ativas, tecnologias e design

estratégico, conforme sugerido por Alves e Borba (2016), para criar experiências de aprendizagem significativas e contextualizadas. Assim, ao abordar os AFA, espera-se que o leitor os reconheça como estruturas dinâmicas e interativas que alinham princípios pedagógicos, tecnológicos e ambientais, visando à formação de cidadãos críticos, éticos e comprometidos com a transformação social e a sustentabilidade.

3 A PESQUISA: OUVINDO O CORPO DOCENTE DO COLÉGIO ANCHIETA

A implementação prática das propostas apresentadas nas seções anteriores revelou alguns desafios relacionados à construção de aprendizagens significativas por meio da experiência educativa. Em consonância com o que orientam os Subsídios para a Pedagogia Inaciana, reforçamos que:

Todas as experiências de aprendizagens propostas pela escola, na sala de aula ou fora dela, devem ser previstas de tal modo que possibilitem, além do gosto por aprender ativa e reflexivamente, canalizar forças motivacionais que surgem perante a conquista da aprendizagem (a conquista da verdade), elementos básicos que movem o homem para o compromisso e para a ação. Inacianamente falando, o compromisso e a ação desejada, livremente escolhida pelo indivíduo, deve ser orientada pelo Magis: o melhor serviço a Deus e a nossos irmãos. (SUBSÍDIOS PARA A PEDAGOGIA INACIANA, 1997, p.26)

Nesta etapa aplicada do trabalho, buscou-se compreender qual vem sendo a visão dos professores sobre os espaços ecológicos e seu potencial como ambientes facilitadores de aprendizagem dentro dos conceitos da Ecopedagogia integrada ao PPI, em especial a percepção dos educadores quanto à estruturação e utilização desses espaços educativos e sua inserção nos currículos e práticas pedagógicas.

3.1 Metodologia

A pesquisa realizada é de natureza qualitativa e utilizou a técnica da entrevista semiestruturada para a coleta de dados. Segundo Triviños (1987, p. 146),

A entrevista semiestruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. Os questionamentos dariam frutos a novas hipóteses surgidas a partir das respostas dos informantes.

Foram entrevistados 11 professores, selecionados com base em critérios como segmento de atuação, área de atuação e tempo de permanência na instituição. A abordagem foi realizada por meio de conversas individuais, com registros escritos sobre as visões dos educadores sobre os temas relacionados à construção dos ambientes facilitadores de aprendizagem dentro dos conceitos da Ecopedagogia e do Paradigma Pedagógico Inaciano (PPI). As entrevistas foram conduzidas com base em um roteiro previamente elaborado, permitindo flexibilidade para que os entrevistados expressassem suas percepções e experiências de forma espontânea. Essa abordagem favorece não apenas a descrição dos fenômenos educativos, mas também sua explicação e compreensão em sua totalidade. A aplicação dessa técnica permitirá identificar como os professores percebem e utilizam os espaços ecológicos como ambientes facilitadores de aprendizagem, bem como o levantamento dos desafios e potencialidades na integração desses espaços aos currículos e práticas pedagógicas.

Para aprofundar a compreensão sobre a importância dos ambientes facilitadores de aprendizagem nos espaços ecológicos escolares e sua relação com a formação da cidadania planetária, foi elaborado um questionário estruturado em três blocos temáticos que pode ser visualizado no apêndice A deste estudo. O primeiro bloco aborda a frequência e a forma de utilização dos espaços ecológicos pelos professores e suas turmas. O segundo bloco investiga as percepções dos educadores sobre o papel desses espaços na promoção da cidadania planetária e na conscientização ambiental. O terceiro bloco explora os desafios enfrentados na integração da Ecopedagogia e do Paradigma Pedagógico Inaciano no cotidiano escolar, além de solicitar relatos de experiências significativas vivenciadas nesses ambientes. A participação dos professores foi voluntária, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, garantindo o sigilo e o anonimato das informações coletadas, utilizadas exclusivamente para fins acadêmicos.

3.2 Análise de dados

A partir das entrevistas semiestruturadas foi possível identificar a frequência de uso e o nível de interação com os diferentes espaços ecológicos oferecidos pelo Colégio Anchieta de Nova Friburgo. A primeira parte da análise trata da utilização dos espaços específicos – horta, jardim interno, jardim externo, mandala medicinal, trilhas ecológicas e espaço Manresa – e da frequência com que são acessados pelos grupos

de atuação dos educadores entrevistados. Esses dados foram organizados em tabela, permitindo visualizar quais ambientes são mais integrados ao cotidiano escolar e quais ainda são utilizados de forma pontual. A seguir, são apresentadas também as categorias temáticas que surgiram das respostas às perguntas abertas, ilustradas por trechos significativos dos relatos.

3.2.1 Espaços ecológicos utilizados pelos educadores entrevistados

Tabela 1 - Espaços ecológicos utilizados pelos educadores de acordo com o segmento

Espaço Ecológico	Número de Educadores	Segmentos Relacionados
Todos	2	Formação Cristã
Horta	3	Educação Infantil, Fundamental I, Fundamental II
Jardim Interno	6	Educação Infantil, Fundamental I, Ensino Médio
Jardim Externo	3	Educação Infantil, Fundamental I
Mandala Medicinal	1	Fundamental II
Trilhas Ecológicas	6	Educação Infantil, Fundamental I, Fundamental II
Espaço Manresa	7	Educação Infantil, Fundamental I, Fundamental II, Médio
Composteiras	1	Educação Infantil

Fonte: Elaborada pela autora

3.2.2 Análise dos dados da Tabela 1

A análise dos dados da Tabela 1 revela que os espaços ecológicos do Colégio Anchieta de Nova Friburgo vêm sendo utilizados por diversos segmentos da instituição, com destaque para o Espaço Manresa, acessado por 7 dos 11 educadores entrevistados, abrangendo desde a Educação Infantil até o Ensino Médio.

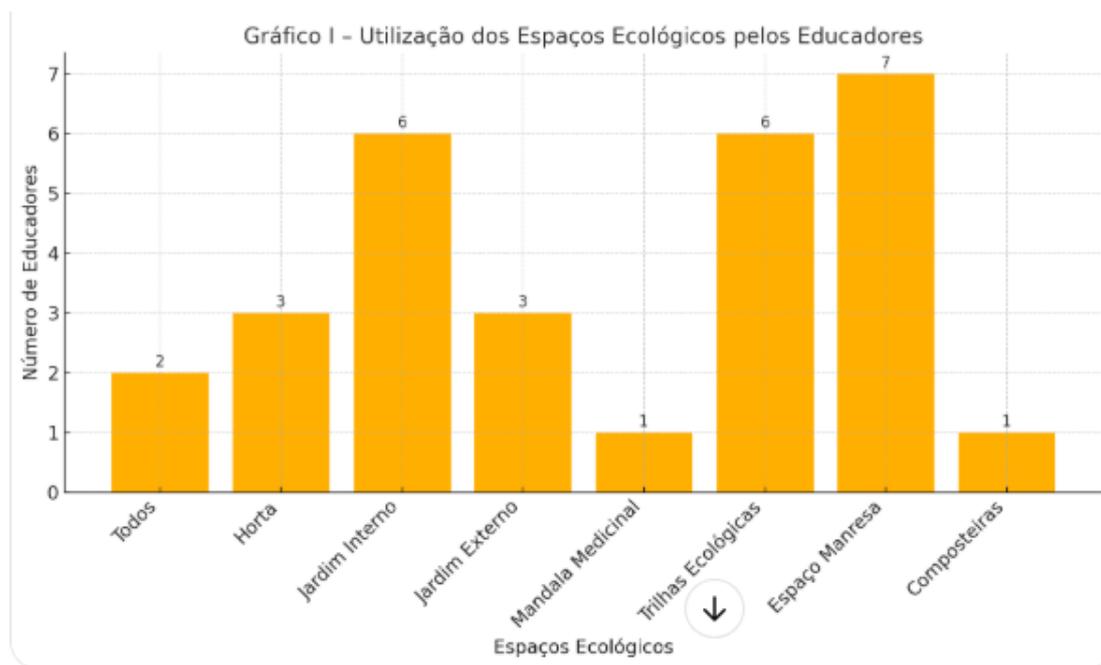
Também se destacam as trilhas ecológicas e o jardim interno, cada um utilizado por 6 educadores, sinalizando uma valorização desses ambientes como espaços de vivência e aprendizado fora da sala de aula tradicional.

A horta e o jardim externo apresentam menor, porém ainda significativa, presença nas práticas pedagógicas. Embora a mandala medicinal e as composteiras tenham sido mencionadas por apenas um educador, sua inclusão revela uma percepção mais ampla da diversidade de espaços possíveis para promover a alfabetização ecológica.

O dado mais expressivo, contudo, está na menção ao uso de todos os espaços por 2 educadores da Formação Cristã, sugerindo uma prática pedagógica intencionalmente integrada ao desenvolvimento da cidadania planetária — um princípio orientador da Educação Jesuítica que convida à conscientização e ao cuidado com a Casa Comum.

Esses dados indicam um caminho promissor, ainda que desigual entre os segmentos, na direção da formação de sujeitos comprometidos com o meio ambiente e com o bem comum, alinhado ao Paradigma Pedagógico Inaciano e aos princípios da Ecopedagogia.

Gráfico 1 – Representação visual da utilização dos espaços ecológicos pelos educadores



Fonte: Elaborado pela autora

3.2.3 Frequência de uso dos espaços ecológicos

Tabela 2- Frequência de uso dos espaços ecológicos pelos educadores

Frequência de uso	Número de educadores	Segmentos relacionados
Nunca	0	_____
1 vez por semana	3	Formação Cristã
Quinzenalmente	1	Educação infantil
1 vez por mês	2	Ensino médio Fundamental II
Trimestralmente durante as culminâncias de projetos	6	Fundamental I e Fundamental II

Fonte: Elaborada pela autora

3.2.4 Análise dos dados da Tabela 2

Os dados da Tabela 2 revelam que todos os educadores entrevistados afirmaram utilizar, em alguma medida, os espaços ecológicos do Colégio Anchieta de Nova Friburgo, uma vez que nenhum respondeu nunca. A frequência de uso mais recorrente é a trimestral, especialmente durante as culminâncias de projetos, citada por 5

educadores dos segmentos do Ensino Fundamental I e II. Esse dado aponta para uma abordagem ainda pontual e vinculada a momentos específicos do calendário pedagógico. Por outro lado, três educadores da Formação Cristã afirmaram utilizar os espaços semanalmente, o que sugere um uso mais contínuo e intencional, alinhado ao desenvolvimento da espiritualidade e da cidadania planetária em práticas regulares. Frequências mais espaçadas, como o uso mensal e quinzenal, foram citadas por poucos educadores. Embora os dados evidenciem um reconhecimento da importância dos espaços ecológicos, ainda se percebe a necessidade de ampliar sua integração ao fazer pedagógico, tornando esses ambientes parte estrutural dos planejamentos e experiências formativas, em consonância com o Paradigma Pedagógico Inaciano.

Gráfico 2 – Representação visual da utilização dos espaços ecológicos pelos educadores



Fonte: Elaborado pela autora

A partir da terceira pergunta da entrevista semiestruturada realizada com os(as) educadores(as), surgiram categorias de análise que orientaram a interpretação qualitativa das falas. Essa etapa da pesquisa possibilitou identificar elementos significativos relacionados à vivência nos ambientes ecológicos da escola e à formação da cidadania planetária, revelando sentidos atribuídos pelos participantes às práticas pedagógicas desenvolvidas nesses espaços. As categorias a seguir foram construídas com base na recorrência de temas, expressões e percepções manifestadas pelos(as)

entrevistados(as), permitindo uma análise aprofundada à luz dos referenciais teóricos que sustentam esta investigação.

3.2.5 Alfabetização ecológica , letramento ecológico e a intencionalidade pedagógica

As respostas à terceira pergunta da entrevista evidenciaram a presença da categoria “Alfabetização ecológica, letramento ecológico e a intencionalidade pedagógica”, apresentada nesta seção. Trata-se da forma como os espaços ecológicos da escola são incorporados ao planejamento pedagógico com vistas a experiências significativas de aprendizagem. Todos os educadores participantes relataram a inclusão desses espaços em seus planejamentos, o que aponta para um reconhecimento institucional desses ambientes como parte do currículo escolar. No entanto, observa-se um decréscimo na intencionalidade conforme o segmento: a inclusão aparece de forma mais consistente na Educação Infantil, e medianamente presente no Ensino Fundamental I e II, e se torna mais esporádica no Ensino Médio. Essa diferença é perceptível não apenas na frequência de uso, mas também no grau de aprofundamento reflexivo proposto nas atividades. Como expressa um dos educadores: “Procuramos inserir o jardim nas atividades de Ciências para trabalhar os sentidos, mas também o respeito pela natureza e o cuidado com o espaço comum” (Entrevistado A). Essa fala evidencia a tentativa de articular os espaços ecológicos a experiências pedagógicas significativas, capazes de mobilizar os sentidos, a consciência ambiental e ao bem comum.

Um ponto marcante nas falas dos educadores está na referência afetiva e sensorial aos espaços ecológicos, especialmente às trilhas. A maioria dos professores destacou esses espaços como facilitadores da aprendizagem, capazes de “suavizar a dureza das paredes de concreto”, oferecendo aos alunos contato com um "verdor natural" que acalma, acolhe e educa. Esse território vivo não apenas conecta os estudantes com a natureza, mas também os posiciona como sujeitos pertencentes à Mãe Terra e responsáveis por seu cuidado. Um dos professores mencionou que a trilha tem um efeito refrescante e acolhedor aos olhos e aos sentidos, o que evidencia a potência formativa desses ambientes quando associados a práticas pedagógicas intencionais.

Nesse sentido, a alfabetização e o letramento ecológico promovidos por meio desses espaços vai além da transmissão de conteúdos sobre o meio ambiente. Ela se concretiza como uma vivência que sensibiliza, desperta o cuidado, amplia a

percepção do mundo e prepara os estudantes para decisões éticas e sustentáveis. Trata-se de uma ação educativa profundamente vinculada ao Paradigma Pedagógico Inaciano, no qual a experiência sensível e reflexiva conduz à ação comprometida com o bem comum e com o Magis no melhor para e com os demais.

Alguns educadores podem não registraram uma relação direta entre planejamento e alfabetização ecológica, o que indica a necessidade de formação continuada ou reflexão coletiva.

As respostas revelam que, embora haja iniciativas significativas e práticas pedagógicas intencionais voltadas à alfabetização e ao letramento ecológico, ainda existem desafios na consolidação desses espaços como elementos estruturantes do planejamento escolar. A alfabetização e o letramento ecológico, nesse contexto, requerem mais do que atividades pontuais: exige um olhar pedagógico integrado, coerente com os princípios da Ecopedagogia e do Magis inaciano, que promova sentido, compromisso e ação transformadora na formação dos estudantes.

3.2.5 Espaços como facilitadores da aprendizagem

As respostas às perguntas 4 e 5 revelaram a percepção dos educadores sobre o potencial dos espaços ecológicos enquanto ambientes facilitadores da aprendizagem, conectando a natureza à experiência educativa de forma intencional, significativa e transformadora. Essa categoria de análise surge da compreensão de que aprender vai além da transmissão de conteúdos e se realiza também pela vivência em um experienciar que conduza a uma ação que reverbera no mundo real seja pela relação com o meio e com o outro. Os educadores destacaram que tais espaços promovem uma aprendizagem mais integrada, favorecendo o encantamento, a curiosidade, a reflexão e o cuidado que são dimensões essenciais da formação humana e espiritual, especialmente no contexto da Educação Jesuítica. Ao serem integrados ao planejamento pedagógico, os ambientes ecológicos se tornam cenários privilegiados para o desenvolvimento da autonomia, da empatia, da escuta e da percepção ampliada do mundo, abrindo caminhos para a construção da cidadania planetária.

Os educadores entendem os espaços ecológicos da escola como ambientes privilegiados para a aprendizagem significativa, integral e contextualizada. A categoria Espaços como facilitadores da aprendizagem reflete o entendimento de que esses ambientes não apenas complementam o currículo, mas potencializam dimensões cognitivas, socioemocionais, espirituais, religiosas e éticas da formação humana. O

reconhecimento desses espaços como territórios pedagógicos está presente em todas as falas, ainda que com diferentes ênfases segundo os segmentos de ensino e as áreas de atuação.

Os educadores da educação infantil destacam que os espaços ecológicos são ricos em estímulos sensoriais e favorecem o desenvolvimento de habilidades motoras, cognitivas, emocionais e sociais, por meio de experiências espontâneas e significativas. Um deles afirma: “Os espaços externos proporcionam uma aprendizagem de maneira mais espontânea e significativa, desenvolvendo habilidades cognitivas, sociais, motoras e emocionais.” (Entrevistado B). Essa visão é reforçada por educadores do Ensino Fundamental I e II, que apontam o papel dos espaços como estímulo à criatividade, à análise e à investigação, conectando teoria e prática e permitindo o desenvolvimento de valores e atitudes diante dos desafios ambientais.

A fala de um educador do Ensino Médio sintetiza esse potencial ao afirmar: “Esses espaços permitem que o estudante desenvolva habilidades socioemocionais, consciência ambiental, senso crítico e desenvolvendo discernimento por meio da experiência direta.” (Entrevistado C). Esse entendimento reforça que o uso pedagógico intencional dos ambientes naturais é capaz de formar sujeitos com olhar crítico, sensibilidade e engajamento ético diante das questões socioambientais, em consonância com os princípios da cidadania planetária e do Cuidado com a Casa Comum.

As falas também trazem forte articulação com a espiritualidade inaciana. Educadores da Formação Cristã relacionam esses espaços à vivência da contemplação da Criação, ao sentimento de pertença e à mobilização para a justiça socioambiental. Um deles expressa: “Esses espaços vão muito além do que os livros podem oferecer, promovendo experiências e reflexões para toda a vida.” (Entrevistado D). Outro aponta a conexão direta com a *Laudato Si'* e com o MAFI⁹, destacando que a aprendizagem se realiza de forma integral — “cabeça, coração e mãos, e que os espaços ecológicos são mediações fundamentais para integrar saberes, espiritualidade e ação” (Entrevistado E).

Em todas as respostas, nota-se a valorização dos espaços como lugares vivos e simbólicos, que instigam, acolhem, inspiram e educam. Eles se tornam facilitadores

9 O MAFI – Mapa de Aprendizagens Inacianas Integrais é uma ferramenta pedagógica desenvolvida pela Rede Jesuíta de Educação com o objetivo de tornar visível a integração entre os saberes acadêmicos e os princípios da formação integral presentes no Paradigma Pedagógico Inaciano. Ele articula dimensões cognitivas, espirituais religiosas e socioambientais, promovendo uma educação que valoriza a totalidade do ser e o compromisso com a transformação da realidade.

não apenas da aprendizagem no sentido formal, mas do crescimento pessoal e comunitário, da empatia, da ética e da espiritualidade encarnada. Assim, fica evidente que, quando articulados ao planejamento e ao compromisso formativo do educador, os espaços ecológicos do Colégio Anchieta operam como plataformas vivas de aprendizagem significativa, reafirmando o Magis inaciano e contribuindo diretamente para a formação integral e a construção de um novo modo de habitar o mundo.

As falas dos educadores evidenciam que os espaços ecológicos, quando utilizados com intencionalidade e integrados ao planejamento pedagógico, se tornam potentes mediadores de experiências formativas que vão além da instrução escolar. Alinhados ao Paradigma Pedagógico Inaciano, esses ambientes favorecem a vivência sensível e reflexiva da realidade, despertando nos estudantes a capacidade de contemplar, discernir e agir a partir de uma escuta atenta da criação. A aprendizagem, nesse contexto, deixa de ser fragmentada e passa a ser compreendida como um processo integral, experiencial e comprometido com o bem comum, conectando saberes, emoções, espiritualidade e ética ambiental. A Ecopedagogia, por sua vez, amplia esse horizonte ao propor uma educação que forme sujeitos planetários, conscientes da interdependência entre todos os seres vivos e comprometidos com a justiça socioambiental. Assim, os espaços ecológicos do Colégio Anchieta não são apenas cenários alternativos de aula, mas territórios educativos vivos, nos quais se cultiva o cuidado com a Casa Comum e se planta, cotidianamente, a esperança de um mundo mais justo, sustentável e solidário.

3.2.6 Cuidado com a Casa Comum e Cidadania Planetária

A partir das respostas às perguntas 6 e 9, surgiu a categoria de análise “Cuidado com a Casa Comum e Cidadania Planetária”, que expressa o compromisso dos educadores com práticas que transcendem os conteúdos escolares e mobilizam os estudantes para a construção de um mundo mais justo, sustentável e solidário. As falas revelam a preocupação com o futuro ambiental e a consciência de que a escola, como espaço formador, tem papel fundamental na conscientização, sensibilização e ação concreta em prol do meio ambiente e da justiça socioambiental. O cuidado com a Casa Comum aparece não apenas como tema transversal, mas como princípio formador, ligado à espiritualidade inaciana, à prática pedagógica cotidiana e ao compromisso ético com as futuras gerações (o devir). Ao promover vivências que integram o saber, o sentir e o agir, os educadores demonstram que é possível formar cidadãos planetários, protagonistas da transformação que desejamos para o mundo.

As respostas revelam uma percepção bastante madura por parte dos educadores quanto ao papel da escola na formação de sujeitos conscientes e comprometidos com o cuidado da Casa Comum. A categoria Cuidado com a Casa Comum e cidadania planetária reúne práticas pedagógicas e reflexões críticas que demonstram como os espaços ecológicos e os projetos institucionais têm sido articulados à construção de valores, atitudes e compromissos com a sustentabilidade e a justiça socioambiental.

A maioria dos entrevistados descreve sua participação em projetos como a Semana Laudato Si', trilhas ecológicas, campanhas de conscientização, práticas de consumo consciente, confecção de jogos e materiais a partir de elementos reutilizáveis, além de ações integradas às disciplinas de Ciências, Matemática, Global Citizenship e Formação Cristã. Há uma forte referência à Ecocartilha do colégio, que tem orientado não apenas os conteúdos, mas também os comportamentos cotidianos relacionados ao uso de materiais, ao descarte consciente e ao olhar integral sobre o ambiente escolar.

Muitas falas trazem também inquietações legítimas, como o impacto do consumismo, a perda da biodiversidade, as mudanças climáticas e o uso excessivo de recursos naturais. Essas preocupações são acompanhadas de um chamado ético à ação, tanto no nível institucional quanto pessoal. Uma educadora afirma: "A formação cristã promove atividades com alunos de todos os segmentos [...]. É urgente a mudança de consciência, não só dos estudantes, mas também do corpo docente e das famílias quanto ao engajamento" (Entrevistado F). Outra fala reforça: "Minhas inquietações são muitas. Talvez a cultura do descarte que migra do produto para a pessoa seja uma das mais preocupantes." (Entrevistado G)

Há também um olhar crítico sobre os desafios enfrentados na continuidade e no engajamento coletivo dos projetos, especialmente nos segmentos mais avançados. Mesmo diante desses desafios, os educadores reconhecem o potencial da escola para inspirar práticas transformadoras. Um deles expressa: "O Colégio semeia nos alunos a esperança no amanhã. Sendo as crianças e colaboradores reprodutores de conhecimento e ações que farão diferença no futuro." (Entrevistado H).

As práticas e reflexões relatadas demonstram forte sintonia com a Ecopedagogia, entendida como uma pedagogia crítica e planetária que visa à transformação social e à conversão ecológica. Alinhadas ao Paradigma Pedagógico Inaciano, essas experiências integram a vivência concreta (experiência), a leitura crítica da realidade (reflexão) e a mobilização para ações transformadoras (ação) que

são elementos centrais para a formação de cidadãos planetários comprometidos com a vida, com a justiça e com a reconciliação com a Criação.

Assim, os educadores demonstram não apenas sensibilidade, mas também comprometimento ativo com a missão educativa da Companhia de Jesus, assumindo o desafio de formar sujeitos integrais que cuidem do mundo com discernimento, responsabilidade e esperança. Os espaços ecológicos e os projetos desenvolvidos no Colégio Anchieta se apresentam, portanto, como instrumentos pedagógicos essenciais para cultivar essa consciência global, ecológica e espiritual, tão urgente no tempo em que vivemos.

3.2.7 Formação integral e Paradigma Pedagógico Inaciano

A partir das respostas às perguntas 7 e 8, surgiu a categoria de análise “Formação integral e Paradigma Pedagógico Inaciano”, que evidencia como os educadores compreendem o papel dos espaços ecológicos na formação ampla dos estudantes, para além das aprendizagens cognitivas. A formação integral, conforme proposta pela Companhia de Jesus, envolve o desenvolvimento articulado de dimensões cognitiva, espiritual religiosa e socioemocional, em um processo que favorece o autoconhecimento, o discernimento e o compromisso com a transformação da realidade. Essa proposta é baseada no Paradigma Pedagógico Inaciano (PPI), que orienta a prática educativa em cinco etapas interligadas: contexto, experiência, reflexão, ação e avaliação. As falas dos educadores revelam tanto o reconhecimento do potencial desses espaços ecológicos como mediadores desse processo, quanto os desafios enfrentados para integrá-los plenamente ao cotidiano pedagógico, especialmente em relação à operacionalização e ao engajamento coletivo. A seguir, são analisadas essas percepções à luz do PPI e da proposta de formação integral.

Tais respostas revelam a consciência dos educadores acerca do papel formativo dos espaços ecológicos enquanto ambientes que favorecem a formação integral dos estudantes. A categoria Formação Integral e Paradigma Pedagógico Inaciano surgiu como uma síntese entre a prática pedagógica e a espiritualidade que inspira o agir educativo da Companhia de Jesus. Os educadores apontam que os espaços ecológicos impactam positivamente o desenvolvimento das múltiplas dimensões do ser humano ao criarem oportunidades de vivência, contemplação, empatia, cooperação e protagonismo. Essa perspectiva está em consonância com o PPI, que compreende o processo educativo como um ciclo que parte da experiência vivida, passa pela reflexão crítica e conduz à ação comprometida, sempre com base no

contexto dos sujeitos e com avaliação contínua das aprendizagens e das transformações geradas.

As falas demonstram que, ao vivenciarem atividades nos espaços ecológicos, os estudantes se percebem como seres integrais, pertencentes à natureza e responsáveis por ela. Uma educadora da Educação Infantil afirma:

Os ambientes facilitadores de aprendizagem exercem um impacto profundo na formação integral dos alunos, pois ampliam as possibilidades, tornando a aprendizagem significativa e oportunizando a vivência de todas as etapas do paradigma (Entrevistada I).

Outro educador destaca: “Esses ambientes permitem um aprendizado mais holístico, que vai além do conhecimento teórico. Eles estimulam a autonomia, o trabalho em equipe e a empatia” (ENTREVISTA J)

As respostas também revelam que muitos educadores reconhecem nos espaços ecológicos a possibilidade de aprofundar vivências de espiritualidade inaciana, conectando-as ao Princípio e Fundamento, à valorização das “coisas criadas” como mediações para encontrar Deus e à formação de pessoas conscientes, competentes, compassivas e comprometidas. Há uma clareza quanto à potência formativa desses espaços na construção de valores, no despertar de vocações e na realização do Magis em um melhor serviço à vida, ao próximo e à criação.

Por outro lado, os desafios mencionados direcionam para questões estruturais e culturais do cotidiano escolar. Educadores citam a falta de tempo diante de currículos extensos, o foco excessivo nos vestibulares, a dificuldade de engajamento das famílias, além da necessidade de mobilizar a comunidade escolar para incorporar a Ecopedagogia de forma transversal. Um professor afirma: “O grande desafio é integrar as práticas inovadoras ao currículo. Fato que demanda mudança de olhares e tempo, diante de um currículo muito extenso.” (ENTREVISTADA K). O outro destaca: “Um grande desafio ainda é o foco nos vestibulares, se fazendo ímpar uma conscientização coletiva de que não temos um planeta B. O agir é no agora.” (ENTREVISTADA L)

Essas reflexões demonstram um forte compromisso dos educadores com a missão educativa inaciana, mas também apontam para a urgência de políticas escolares que favoreçam a integração efetiva dessas práticas no currículo, com apoio institucional e formação continuada. Os espaços ecológicos não são apenas recursos didáticos: são ambientes de sentido, contemplação e transformação, que ajudam os estudantes a se perceberem como agentes de mudança e parte de um todo maior que é a Casa Comum.

3.2.8 Experiências significativas

A décima pergunta da entrevista convidou os educadores a compartilharem uma vivência marcante ocorrida em um dos espaços ecológicos da escola. As respostas deram origem à categoria “Experiências significativas”, que evidencia como os ambientes naturais e educativos não apenas ensinam conteúdos, mas tocam corações, despertam consciências e constroem memórias afetivas e formativas. Essas experiências, descritas com entusiasmo e sensibilidade, mostram que os espaços ecológicos transcendem sua função física, tornando-se cenários de aprendizagem integral, onde razão, emoção, corpo e espiritualidade se encontram. Ao relatar momentos que geraram encantamento, descoberta, pertencimento ou transformação, os educadores expressam como esses espaços contribuem para a construção de vínculos profundos entre os alunos, o ambiente e a missão educativa da escola. Trata-se de vivências que personificam o espírito do Paradigma Pedagógico Inaciano, pois partem da experiência concreta, geram reflexão significativa e impulsionam ações carregadas de sentidos. Fica explicitado através das falas dos educadores que esses ambientes vão muito além de sua função como recurso didático: tornam-se espaços vivos de encantamento, cuidado, contemplação e sentido. Neles, os estudantes não apenas aprendem, mas vivem o que aprendem com o corpo, a mente, o coração e o espírito.

Uma professora da Educação Infantil relatou uma vivência marcante a partir da curiosidade espontânea de uma aluna sobre borboletas. A situação gerou uma interação entre segmentos, envolvendo Ciências, Horta e Linguagem, e culminou com uma reflexão que permanece na memória das crianças até hoje: “Se matar a lagarta, não tem borboleta.” (ENTREVISTADA M). O momento ilustra com sensibilidade como o contato com a natureza pode gerar aprendizagens interdisciplinares e afetivas, gerando memória formativa e respeito pela vida.

No Ensino Fundamental II, várias falas convergem para o impacto emocional causado por queimadas na área da trilha ecológica. Professores relataram que os alunos participaram ativamente do reflorestamento, com “tristeza diante da destruição, mas esperança nas mãos” (ENTREVISTADA N), enquanto plantavam mudas nativas da Mata Atlântica. Uma dessas experiências resultou também na produção da *Carta da Terra*, escrita por alunos do 6º ano com propostas para o cuidado com a Casa Comum, evidenciando um movimento que vai da experiência concreta à ação ética.

Também foram descritas vivências espirituais potentes, como as Pausas Inacianas nos jardins e o Canto dos 4 Cantos em torno da fogueira no espaço Manresa, momentos de escuta, contemplação e partilha que integram a interioridade ao espaço exterior. Em outra prática, a horta foi utilizada como local de oração e cuidado pelos gestores pedagógicos, proposta que promoveu espiritualidade encarnada e encontros significativos com a natureza e com os outros.

Esses relatos confirmam que os espaços ecológicos não são apenas complementares à prática pedagógica, mas essenciais à formação integral. São locais onde o Paradigma Pedagógico Inaciano se realiza em plenitude, por meio da experiência, reflexão, ação e avaliação vividas no chão da escola, à sombra das árvores, no toque da terra, na contemplação da Criação. São memórias que educam e que permanecem.

4 Proposta – TERRITÓRIO DE APRENDIZAGEM: AMBIENTES VIVOS PARA A FORMAÇÃO INTEGRAL

Diante da escuta feita ao corpo docente do Colégio Anchieta, esta seção aborda os territórios de aprendizagem como espaços dinâmicos e integradores, nos quais a Ecopedagogia se concretiza por meio da vivência em ambientes vivos. Tais territórios englobam os espaços educativos enquanto ambientes facilitadores de aprendizagem que vão além da sala de aula tradicional, promovendo experiências que conectam os estudantes ao meio ambiente e à comunidade, favorecendo uma formação integral. A frequência nesses territórios, a intencionalidade das atividades propostas e a inserção desses temas nos currículos escolares são aspectos essenciais para potencializar a aprendizagem significativa que conduza a processos de alfabetização ecológica.

Os territórios de aprendizagem são capazes de ampliar os horizontes do processo de ensino-aprendizagem para além dos limites da sala de aula tradicional. Esses territórios não se restringem à dimensão física em locais como pátios, jardins, hortas ou trilhas ecológicas, mas compreendem também os espaços simbólicos, afetivos e relacionais criados a partir desses ambientes facilitadores que favorecem experiências significativas. Esses espaços têm como princípio fundante a premissa de que a aprendizagem ocorre de maneira mais profunda e transformadora quando conectada à realidade vivida pelos sujeitos, às suas práticas em experiência, ao meio ambiente e às questões sociais emergentes.

Moacir Gadotti reforça essa perspectiva ao afirmar que, “desde crianças sentimo-nos profundamente ligados ao universo e nos colocamos diante dele num misto de espanto e respeito”. (GADOTTI, 2000, p.77).

Do ponto de vista pedagógico, os territórios de aprendizagem se alinham à concepção freireana de educação como prática da liberdade, na qual o contexto e a escuta são elementos essenciais para a construção do conhecimento. Como destaca Brandão (2002), aprender é também aprender-se no mundo, reconhecer-se como parte dele e agente de transformação. Nesse sentido, os territórios se constituem como ecossistemas educativos vivos, em que os sujeitos interagem com o ambiente, constroem saberes, mobilizam sentidos e exercitam o cuidado.

Essa perspectiva está em consonância com o Paradigma Pedagógico Inaciano (PPI), que valoriza o contexto, a experiência, a reflexão, a ação e a avaliação como elementos articuladores da prática educativa. Ao reconhecer os territórios de aprendizagem como oportunidades para vivências integradoras, o PPI fortalece a ideia de formação integral, própria da tradição educativa da Companhia de Jesus, que busca desenvolver todas as dimensões da pessoa.

A escuta realizada com o corpo docente do Colégio Anchieta evidencia uma valorização crescente desses espaços, percebidos como ambientes férteis para a construção de uma Ecopedagogia que dialogue com os desafios contemporâneos da educação e da sustentabilidade. As práticas pedagógicas relatadas apontam para a necessidade de consolidar esses territórios como parte constitutiva do currículo escolar, de modo que se tornem efetivamente ambientes de promoção da alfabetização e letramento ecológicos e da cidadania planetária.

Torna-se necessária a reflexão permanente sobre o que queremos que os ambientes facilitadores de aprendizagem nesses territórios possibilitem e revelem, já que :

A arquitetura escolar é o que por si só materializa todo um esquema de valores, crenças, bem como marcos de atividade sensorial e motora. Sendo assim , ela está inserida em uma cultura e a desvela, em suas formas arranjos, e adornos, cujos estímulos sejam transmitidos por mediação dos adultos e das práticas culturais. adultos sentimo-nos profundamente ligados ao universo e nos colocamos diante dele num misto de espanto e respeito. (HORN, 2004, p.20).

Para que essa proposta se materialize no fazer dos professores, é fundamental oferecer inspirações que facilitem o sentimento de pertencimento em relação aos territórios de aprendizagem. A seguir, destaco algumas possibilidades:

- Atividades interdisciplinares: integração de disciplinas como Ciências e Língua Portuguesa, por exemplo, na produção de poemas inspirados na horta ou na criação de painéis informativos sobre biodiversidade local.

- Cadernos de campo e diários ecológicos: uso regular desses materiais para registrar descobertas, hipóteses, desenhos e reflexões em contato com a natureza.

- Comissões de cuidado dos espaços: organização de grupos de estudantes responsáveis por cuidar da horta, do jardins, da Mandala Medicinal ou da composteira, exercitando o senso de responsabilidade coletiva.

- Vivências contemplativas e educativas: aulas em campo nas trilhas com coleta de dados e registro referentes aos objetos de aprendizagem estudados nas aulas.

- Parcerias com a comunidade: ações em conjunto com ONGS locais, ativistas ambientais ou artistas da região que tragam novos olhares sobre os territórios vividos.

- Roteiros de exploração ecológica: criação de percursos sensoriais.

- Observação de ciclos naturais, levantamento de espécies (fauna e flora) nos espaços vivos do colégio.

- Formação continuada dos professores: oficinas pedagógicas que incentivem o planejamento de atividades nos territórios, o compartilhamento de boas práticas e a reflexão conjunta.

Essas estratégias podem ser adaptadas de acordo com o segmento, as características dos estudantes e os objetivos pedagógicos de cada área. O essencial é que os territórios de aprendizagem sejam percebidos não como algo a mais, mas como parte integrante do fazer educativo, ambientes facilitadores de aprendizagem cada vez mais experienciais, onde se constrói uma educação sensível, crítica, repletas de episódios de aprendizagem situada e transformadora.

Como destaca Delors et al (2006, p.102):

Em uma altura em que os sistemas educacionais formais tendem a privilegiar o acesso ao conhecimento, em detrimento de outras formas de conhecimento, importa conceber a educação como um todo. Esta perspectiva deve, no futuro, inspirar e orientar as reformas educativas, tanto em nível de elaboração de programas como da definição de novas políticas pedagógicas.

Essa concepção de educação como um todo que é defendida por Delors e experimentada por práticas vivenciadas em ambientes facilitadores de aprendizagem exige um olhar ampliado sobre o currículo e sobre os espaços educativos. O desafio está em reconhecer que esses ambientes vivos não são apenas meros cenários com fins exclusivamente midiáticos, mas agentes pedagógicos que ensinam por si

mesmos e carregados de potência quando há intencionalidade de quem os usa. Quando os professores assumem esses territórios como extensões intencionais de sua prática, tornam-se mediadores de experiências capazes de despertar o senso de pertencimento, o cuidado com a Casa Comum e a construção de uma cidadania planetária. Assim, educar em territórios de aprendizagem é também educar para a vida, para o comprometimento, o discernimento diante de questões contemporâneas e um caminhar para um futuro com esperança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho configurou-se como uma experiência de um esperar, no sentido freireano, ao propor uma reflexão profunda sobre os caminhos possíveis para uma educação comprometida com a vida, com o planeta e com o outro. Partindo do contexto contemporâneo marcado por urgências ambientais e sociais, buscou-se compreender enquanto objetivo geral :como a integração da Ecopedagogia ao (PPI) pode contribuir para a formação de cidadania planetária em novas visões paradigmáticas: complexidade e transversalidade. Integração esta que poder ser integrada aos ambientes escolares, em especial nos chamados Ambientes Facilitadores de Aprendizagem (AFA). Essa integração da Ecopedagogia ao PPI representa uma potência formativa capaz de promover a cidadania planetária em ambientes que transcendem a lógica tradicional da educação, enquanto a Ecopedagogia convida à alfabetização e letramento ecológicos que conduzam à conversão ecológica e a uma responsabilização no conceito ético do indivíduo em resposta à crise civilizatória e ambiental, o PPI estrutura-se sobre uma pedagogia da interioridade, da experiência e ação transformadora, centrada na formação integral da pessoa.

Essa articulação torna-se ainda mais relevante nas novas visões paradigmáticas como a complexidade e transdisciplinaridade (Morin) que denuncia os limites de uma educação fragmentada e reducionista, enfatizando a necessidade de um pensamento complexo e transdisciplinar para enfrentar os desafios contemporâneos ligados ao meio ambiente.

A Ecopedagogia, ao propor o diálogo como o meio ambiente, com o outro e consigo mesmo, converge com o princípio inaciano de formar homens e mulheres para e com os demais, atentos ao contexto social e ecológico que estão inseridos.

Nos Ambientes Facilitadores de Aprendizagem, essa integração fica evidente em práticas que mobilizam o corpo, os sentidos, os sentimentos e o pensamento crítico diante de territórios de aprendizagem no qual se está inserido. Trilhas ecológicas,

hortas escolares, oficinas ambientais e projetos interdisciplinares se configuram como territórios de aprendizagem significativa, conectando o currículo escolar aos desafios locais e globais da sustentabilidade.

Ao romper divisões entre natureza e desenvolvimento, razão e emoção, essa proposta educativa estimula o pensar complexo, essencial à construção de um sujeito emancipado que seja capaz de ler o mundo com sensibilidade e agir com responsabilidade.

O primeiro objetivo específico, ao identificar os princípios e práticas centrais dessas abordagens pedagógicas, estabelece a base teórica e conceitual que sustenta a análise, contribuindo para compreender os fundamentos éticos e metodológicos que as aproximam como apontam Gutiérrez e Prado (2006), a Ecopedagogia propõe uma nova racionalidade educativa, ética e planetária, orientada para a sustentabilidade e construção de um mundo mais justo e solidário.

O segundo objetivo amplia essa compreensão ao investigar como tais princípios podem ser incorporados concretamente na estrutura dos AFA, permitindo visualizar o potencial da integração na organização curricular e nos espaços educativos vivos.

O terceiro objetivo aprofunda a proposta ao analisar os impactos dessa aplicação na formação de sujeitos aprendentes comprometidos com a cidadania planetária e a conversão ecológica, possibilitando verificar se há efetividade na construção de sujeitos conscientes, comprometidos, compassivos e competentes em relação ao bem viver. Nesse sentido, é essencial considerar o pensamento freiriano, segundo o qual “educar é um ato de amor, por isso, um ato de coragem” (Freire, 2001, p.9), e requer o compromisso com a transformação da realidade e a emancipação dos sujeitos.

O quarto objetivo amplia a contribuição do estudo ao propor estratégias pedagógicas que conectem a Ecopedagogia e o PPI, mediando saberes locais, científicos e tradicionais, promovendo uma educação integral e contextualizada.

As considerações finais deste trabalho apontam para a relevância de integrar a Ecopedagogia ao Paradigma Pedagógico Inaciano (PPI) como caminho fértil para a formação de uma cidadania planetária comprometida com a justiça socioambiental e o cuidado com a Casa Comum. Essa integração, baseada na ética ecológica e na espiritualidade inaciana, propõe uma ressignificação dos espaços escolares, especialmente por meio dos chamados Ambientes Facilitadores de Aprendizagem. Tais ambientes revelam-se essenciais para a vivência de práticas educativas que transcendam os limites da sala de aula tradicional, promovendo experiências conectadas ao meio ambiente, à interioridade e ao compromisso social.

A articulação dos objetivos específicos orientou a investigação na direção de alinhar a fundamentação teórica e prática à análise e à proposição de ações coerentes com os novos paradigmas educacionais. Tais paradigmas reconhecem a complexidade dos processos formativos, valorizam a transdisciplinaridade, resgatam o ciclo virtuoso presente no PPI (contexto, experiência, reflexão, ação e avaliação) e favorecem a emergência de uma educação que forme sujeitos críticos, sensíveis e corresponsáveis pela transformação do mundo.

Ao longo do percurso, reafirmou-se a pertinência do tema diante de desafios ecológicos globais como mudanças climáticas, degradação ambiental, perda da biodiversidade, racismo ambiental entre outros que questionam diretamente a missão educativa das instituições escolares. A educação, nesse sentido, é convocada a reinventar-se, promovendo uma formação integral que una o desenvolvimento cognitivo à dimensão espiritual religiosa e socioambiental.

A pesquisa revelou que os educadores do Colégio Anchieta reconhecem o potencial dos espaços ecológicos como ambientes vivos de aprendizagem, mas também evidenciou lacunas na intencionalidade e na articulação entre prática pedagógica e formação para a cidadania planetária. A escuta sensível ao corpo docente revelou experiências marcantes vividas com os alunos em trilhas, reflorestamentos e projetos ligados à sustentabilidade, mas também apontou a necessidade de maior presença dessas ações nos planejamentos curriculares.

Nessa direção, algumas respostas foram bastante animadoras, visto que refletem a internalização de conceitos e práticas quanto à implantação e uso dos espaços educativos em ambientes facilitadores de aprendizagem. No entanto, outras estão um pouco mais distantes do que é proposto pela Companhia de Jesus, tomando como base aspectos do PPI no que diz respeito à reflexão, a ação (e sua operacionalização) e a avaliação, tornando necessário um acompanhamento mais minucioso por parte da Direção e da Coordenação Pedagógica da escola.

Dessa forma, os objetivos propostos foram contemplados: foi possível identificar princípios pedagógicos comuns à Ecopedagogia e ao PPI, evidenciar como os AFA podem ser estruturados em prol de currículos em movimento, analisar o impacto formativo dessas práticas na construção de sujeitos comprometidos com a sustentabilidade e propor estratégias que articulem saberes tradicionais, científicos e espirituais na abordagem das questões socioambientais.

As contribuições desta investigação são significativas para a educação jesuíta, pois confirmam a importância da personalização do processo formativo e da promoção de ações concretas que articulem contexto, reflexão, ação e avaliação, pilares do PPI,

com o despertar do eu ecológico defendido pela Ecopedagogia. Ambos os referenciais se encontram no firme propósito de formar pessoas conscientes, competentes, compassivas e comprometidas com o cuidado da Casa Comum.

Ainda que os resultados desta pesquisa sejam promissores, é importante reconhecer algumas limitações, como o recorte institucional e a participação restrita a um único colégio da rede jesuíta. Dessa forma, recomenda-se que estudos futuros ampliem o número de instituições analisadas e aprofundem as relações entre Ecopedagogia, espiritualidade inaciana e currículo, bem como o papel da avaliação formativa em processos de aprendizagem ecológica.

Reafirma-se, por fim, que a escola é, antes de tudo, espaço de reinvenção e de vida. Os Ambientes Facilitadores de Aprendizagem, quando intencionalmente pensados e integrados aos planejamentos, podem promover uma ecologia do saber que transforma a realidade local e reverbera em ações globais. Inspirada por autores como Paulo Freire, Maria Cândida Moraes, Gutiérrez e Prado, Papa Francisco e tantos outros, esta pesquisa deixa como legado o convite à prática educativa que alimente a esperança, movida pela ética do cuidado, pelo discernimento e pelo compromisso com o Bem Viver.

A construção da cidadania planetária é um caminho que se percorre com passos firmes na escuta, no vínculo, na empatia e no desejo sincero de transformar. Que as sementes aqui plantadas possam florescer em práticas pedagógicas cada vez mais significativas e em novas formas de presença no mundo.

Como escreveu o Papa Francisco: “A educação será ineficaz e seus esforços estéreis, se não souber propor um novo paradigma acerca do ser humano, da vida, da sociedade e da relação com a natureza” (LAUDATO SI’, n.215).

Que este novo paradigma floresça em nossos territórios de aprendizagem, nutrido pelo compromisso ético com a Casa Comum, pela esperança e pela coragem de educar para transformar.

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, Henri. **Justiça ambiental e cidadania**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

ALVES, Isa Mara; BORBA, Gustavo Severo. **Um olhar sobre a experiência da sala de aula: na perspectiva do design estratégico**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2016.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela Terra**. Petrópolis: Vozes, 1999.

BRONFENBRENNER, Urie. **Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais humanos**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CAPRA, Fritjof; STONE, Michael K.; BARLOW, Zenobia (Orgs.). **Alfabetização ecológica: a educação das crianças para um mundo sustentável**. Tradução de Carmen Fischer. São Paulo: Cultrix, 2006.

CHARLOT, Bernard. **A relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

COMPANHIA DE JESUS. **Características da Educação da Companhia de Jesus**. São Paulo: Loyola, 1987.

COMPANHIA DE JESUS. **Pedagogia Inaciana: uma proposta prática**. São Paulo: Loyola, 1999.

DELORS, Jacques (Org.). **Educação: um tesouro a descobrir: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI**. 3. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2006.

DEVAL, Bill; SESSIONS, George. **Ecologia profunda: viver como se a natureza importasse**. Trad. José Roberto de Almeida Afonso. São Paulo: Cultrix, 1989.

DOWBOR, Ladislau. **A reprodução social: propostas para uma gestão descentralizada**. Petrópolis: Vozes, 1998.

FRANCISCO. **Laudato Si': sobre o cuidado da Casa Comum**. São Paulo: Paulinas, 2015.

FRANCISCO. **Pacto Educativo Global: Vademecum**. Roma: Global Compact on Education, 2019. Disponível em: <https://www.educationglobalcompact.org/resources/Risorse/vademecum-portuges.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2025.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GADOTTI, Moacir. **Educar para a sustentabilidade: uma contribuição à década da educação para o desenvolvimento sustentável**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2008.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Terra**. São Paulo: Peirópolis, 2000.

GUTIÉRREZ, Francisco; PRADO, Cruz. **Ecopedagogia e cidadania planetária**. 3. ed. Tradução de Sandra Trabucco Valenzuela. São Paulo: Cortez, 2013.

HORN, Maria da Graça Souza. **Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

KLEIN, Luiz Fernando. A pedagogia inaciana: sua origem espiritual e configuração personalizada. In: Encontro de Diretores Acadêmicos do Colégio Jesuítas da América Latina, 2., 2014, Quito. *Anais* [...]. Quito: 2014. p. 1–21.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

MORAES, Maria Cândida. **Saberes para uma cidadania planetária: homenagem a Edgar Morin**. Rio de Janeiro: Wak, 2019.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

PEREIRA, Cátia Maria Machado da Costa et al. Ecopedagogia: uma nova pedagogia com propostas educacionais para o desenvolvimento sustentável. **Educação Temática Digital**, Campinas, v. 8, n. 2, p. 80–89, jun. 2007.

SECRETARIADO DE EDUCAÇÃO DA COMPANHIA DE JESUS. Características da Educação da Companhia de Jesus. São Paulo: Loyola, 1987.

SILVA, Marco Antonio da. Educação, modernidade e pós-modernidade. **Perspectiva**, v. 10, n. 18, p. 61–76, 1992.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADA AOS PROFESSORES PARTICIPANTES DA PESQUISA

Prezada educadora, prezado educador,

Esta entrevista faz parte da pesquisa para meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), com o objetivo de compreender a importância dos ambientes facilitadores de aprendizagem nos espaços ecológicos na escola e sua relação com a formação da cidadania planetária, dentro da perspectiva da Ecopedagogia e do Paradigma Pedagógico Inaciano.

Sua participação é fundamental para enriquecer esta investigação. As respostas serão utilizadas exclusivamente para fins acadêmicos, garantindo total sigilo e anonimato.

Em anexo, segue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que deve ser lido, assinado e devolvido juntamente com esta entrevista.

Agradeço desde já por sua colaboração! Juntos somos Magis para e com os demais.

Pesquisadora: Elaine Machado da Silva Guaralde
 Universidade: Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos)
 Data: ___/___/___

BLOCO I DE QUESTÕES:

1-Você e sua turma (ou grupo de atuação) frequentam ou utilizam algum dos espaços ecológicos do colégio? (horta, jardim externo, jardim interno, composteiras, mandala medicinal, trilhas ecológicas ou espaço Manresa). Em caso afirmativo, qual(is)?

() nunca () uma vez por semana () quinzenalmente () uma vez por mês
 () trimestralmente nas culminâncias

2-Você e sua turma (ou grupo de atuação) interagem nesses espaços ecológicos com qual frequência?

() frequência diária () frequência semanal () frequência quinzenal

Utilize o espaço abaixo para comentar sua resposta, caso deseje.

3- As atividades planejadas nesses espaços ecológicos constam do planejamento como um contexto para um *experenciar* que levem a ações que gerem uma alfabetização ecológica? Explique.

BLOCO II DE QUESTÕES:

Considerações teóricas iniciais:

Cidadania planetária é um conceito que amplia a noção tradicional de cidadania, indo além das fronteiras nacionais e enfatizando a interdependência entre os seres humanos e o planeta. Baseia-se na ideia de que todos os indivíduos fazem parte de

uma comunidade global e têm responsabilidades coletivas em relação ao meio ambiente, à justiça social e à sustentabilidade.

Ela envolve o desenvolvimento de uma consciência crítica sobre os impactos das ações humanas na Terra, promovendo valores como solidariedade, respeito à diversidade, sustentabilidade ecológica e participação ativa na construção de um mundo mais justo e equilibrado. No contexto educativo, a cidadania planetária se alinha a abordagens como a Ecopedagogia e o Paradigma Pedagógico Inaciano, incentivando práticas pedagógicas que cultivem o senso de corresponsabilidade pelo presente e futuro da "Casa Comum", como propõe o Papa Francisco na *Laudato Si'*.

4-Você considera esses espaços ecológicos como facilitadores de aprendizagem? Por quê?

5-Em sua experiência, qual a importância dos espaços ecológicos do colégio para a formação da cidadania planetária como ambientes facilitadores de aprendizagem?

6- Para além das práticas pedagógicas que utilizam os espaços ecológicos do Colégio, você desenvolve ou participa de práticas que promovem a conscientização ambiental e o cuidado com a Casa Comum dentro do cotidiano do colégio? Em caso afirmativo, cite uma.

7- Como você percebe o impacto dos ambientes facilitadores de aprendizagem na formação integral dos estudantes?

BLOCO III DE QUESTÕES:

Considerações teóricas iniciais:

A Ecopedagogia é uma abordagem pedagógica que busca integrar a educação ambiental à prática educativa, promovendo a formação de sujeitos críticos e engajados na construção de uma sociedade sustentável. Fundamentada nos princípios da educação emancipatória de Paulo Freire, a Ecopedagogia vai além da transmissão de conhecimentos sobre o meio ambiente, incentivando uma visão sistêmica e interconectada da vida no planeta.

Seu foco está na construção da "cidadania planetária", estimulando valores como responsabilidade ecológica, solidariedade e respeito à diversidade sociocultural e ambiental. Assim, ela propõe uma educação voltada para o cuidado com a Casa Comum, reconhecendo que a crise ambiental é também uma crise ética, social e econômica, exigindo uma mudança de paradigma nas relações entre seres humanos e natureza.

8- Quais desafios você encontra para integrar a Ecopedagogia e o Paradigma Pedagógico Inaciano no cotidiano escolar?

9- Quais são suas principais inquietações em relação ao futuro ambiental e como o Colégio pode contribuir para um mundo mais sustentável?

10 - Você poderia compartilhar uma experiência marcante vivida em um espaço ecológico da escola, seja com seus alunos (ou grupo de atuação) ou em sua própria trajetória como educador(a)?

APÊNDICE B – MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da pesquisa: Ecopedagogia e Paradigma Pedagógico Inaciano: Construindo Cidadania Planetária em Ambientes Facilitadores de Aprendizagem

Pesquisadora: Elaine Machado da Silva Guaralde

Instituição: Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos

Curso: Latu Sensu Especialização: Educação Jesuítica: Aprendizagem Integral, Sujeito e Contemporaneidade

Orientador(a): Isa Mara da Rosa Alves

Contato da Pesquisadora: elaine.guaralde@colegioanchieta.org.br

1. Apresentação

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada *Ecopedagogia e Paradigma Pedagógico Inaciano: Construindo Cidadania Planetária em Ambientes Facilitadores de Aprendizagem*. O objetivo deste estudo é compreender a importância dos espaços ecológicos na escola e sua relação com a formação da cidadania planetária, a partir da perspectiva da Ecopedagogia e do Paradigma Pedagógico Inaciano.

2. Procedimentos da Pesquisa

A pesquisa será realizada por meio de uma entrevista contendo dez perguntas abertas, conduzida de forma presencial ou a distância, conforme sua disponibilidade. A entrevista terá duração aproximada de 30 minutos e ficará registrada em papel apenas com sua autorização, para facilitar a análise dos dados.

3. Sigilo e Confidencialidade

Todas as informações coletadas serão utilizadas exclusivamente para fins acadêmicos, garantindo o anonimato dos participantes. Nenhum dado que permita sua identificação será divulgado. As anotações serão armazenadas com segurança e destruídas após a conclusão da pesquisa.

4. Riscos e Benefícios

Os riscos envolvidos na pesquisa são mínimos e referem-se apenas ao tempo disponibilizado para a entrevista. Como benefício, sua participação contribuirá para reflexões sobre práticas pedagógicas e a importância dos espaços ecológicos na educação.

5. Voluntariedade e Direito de Desistência

A participação nesta pesquisa é totalmente voluntária. Você pode se recusar a participar ou desistir a qualquer momento, sem qualquer prejuízo ou necessidade de justificativa.

6. Consentimento

Ao assinar este termo, você declara que compreendeu as informações apresentadas e aceita participar da pesquisa de forma livre e voluntária.

Declaro que fui informado(a) sobre os objetivos da pesquisa, os procedimentos envolvidos e meus direitos como participante. Estou ciente de que minha participação é voluntária e que posso me retirar a qualquer momento, sem prejuízos.

Nome do(a) participante: _____

Assinatura: _____

Data: ____ / ____ / ____

Pesquisadora: _____

Assinatura: _____

Data: ____ / ____ / ____

APÊNDICE C – SOLICITAÇÃO DE ANUÊNCIA PARA A REALIZAÇÃO DE ENTREVISTAS

Elaine Machado da Silva Guaralde
 Rua Andreino Viana da Silva , 377. Chácara do Paraíso – Nova Friburgo- RJ
 elaine.guaralde@colegioanchieta.org.br
 (22) 999816827

Ao Ilmo. Sr. Pe. Antonio Monnerat SJ
 Diretor do Colégio Anchieta
 Rua General Osório, nº 181, Centro.

Assunto: Solicitação de Anuência para Realização de Entrevistas

Prezado(a) **Pe. Antonio Monnerat SJ**

Eu, Elaine Machado da Silva Guaralde, estudante do curso de *Latu Sensu Especialização: Educação Jesuítica: Aprendizagem Integral, Sujeito e Contemporaneidade* na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), venho, por meio desta, solicitar a anuência para a realização de entrevistas com colaboradores do Colégio Anchieta no âmbito da pesquisa para meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), intitulado **"Ecopedagogia e Paradigma Pedagógico Inaciano: Construindo Cidadania Planetária em Ambientes Facilitadores de Aprendizagem"**.

O objetivo desta pesquisa é compreender a importância dos espaços ecológicos na escola e sua relação com a formação da cidadania planetária, alinhando as reflexões ao Paradigma Pedagógico Inaciano e à Ecopedagogia. As entrevistas serão conduzidas com docentes e demais colaboradores do Ensino Infantil, Fundamental I e Fundamental II, visando coletar percepções sobre as práticas pedagógicas realizadas nesses ambientes.

Cabe destacar que todas as informações obtidas serão utilizadas exclusivamente para fins acadêmicos, garantindo o anonimato e a confidencialidade dos participantes. Além disso, será disponibilizado um **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**, assegurando que a participação é voluntária e que os entrevistados poderão desistir a qualquer momento.

Agradeço desde já pela atenção e pela possibilidade de realizar esta pesquisa no Colégio Anchieta, instituição que desempenha um papel fundamental na formação integral dos estudantes. Fico à disposição para quaisquer esclarecimentos adicionais e aguardo um retorno quanto à possibilidade da realização das entrevistas.

Atenciosamente,

Elaine Machado da Silva Guaralde

Assinatura _____

Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos
_____/_____/_____

Autorização da Direção

Nome do(a) Diretor(a): _____

Assinatura: _____

Data: ____/____/_____

Apêndice D – RELATOS COMPLETOS DOS EDUCADORES: EXPERIÊNCIAS SIGNIFICATIVAS EM ESPAÇOS ECOLÓGICOS

Fala 1 – Ensino Fundamental II

A experiência considerada positiva foi a produção textual da Carta da Terra pelos alunos em suas versões que continham propostas e observações visando o cuidado com a Casa Comum. A atividade foi realizada por alunos do 6º ano do Fundamental II no projeto Trilhas Ecológicas.

Fala 2 – Ensino Fundamental II

Participamos de uma atividade lindíssima em resposta às queimadas que ocorreram em nosso espaço, ao final das trilhas ecológicas. Os alunos iniciaram o florestamento da área com mudas de espécies nativas de Mata Atlântica.

Fala 3 – Ensino Fundamental II

Após uma extensa queimada em nossa mata, foram plantadas mudas nativas de Mata Atlântica por alunos do 6º, 7º e 8º anos. Foi emocionante ver a tristeza dos alunos ao se depararem com tamanha destruição, mas cheios de esperança, colocando a mão na massa e reflorestando a área. Guardei essa vivência em meu coração.

Fala 4 – Ensino Fundamental II

Uma experiência emocionante foi a implementação e uso pelos alunos das trilhas ecológicas. Essa trilha consta de estações cheias de sentido, pois possuem o objeto de aprendizagem e a dimensão a que este pertence. "Aprender in loco". Maravilhoso!

Fala 5 – Formação Cristã

Com alunos do 5º ano, realizamos uma atividade envolvendo diversas disciplinas e a equipe de formação cristã nas trilhas ecológicas do colégio. Os estudantes puderam se conectar com o sagrado, experienciar questões acadêmicas presentes nos livros e ampliar seu vocabulário trabalhando a língua adicional. Puderam perceber a conexão entre mente, espírito e corpo.

Fala 6 – Formação Cristã

O colégio promove um evento chamado Canto dos 4 Cantos. Em um desses encontros tivemos a oportunidade de sentar-se em volta de uma fogueira no espaço Manresa. Foi um momento de escuta e partilha que nos propiciou a ser mais com os demais.

Fala 7 – Educação Infantil

Durante uma contação de história sobre uma menina, em uma das páginas havia uma borboleta que compunha o cenário. Uma aluninha interrompeu, um tanto curiosa, e perguntou: "Borboletas têm olhos?" Nesse momento, sem uma resposta, busquei ajuda com a professora de Ciências das séries maiores, que prontamente e muito carinhosa foi nos visitar em nossa salinha, tirando dúvidas e trazendo novos

conhecimentos e muitas trocas. Eles estavam empolgadíssimos. Surgiu uma interação multidisciplinar vinda das curiosidades dos alunos. Após a conversa, fomos à horta, onde pudemos encontrar borboletas de várias cores e tamanhos que visitavam os canteiros de flores comestíveis (capuchinhas) plantadas por outras turminhas. Foi muito rica essa experiência: eles encontraram um casulo e foi explicado o processo de metamorfose, passando pela lagarta, que eles acharam bem feinha. Fizeram suco das flores com cenoura e laranja e se espantaram com a flor que podia ser comida. Ao final, uma aluninha disse: “Nossa, tia, não podemos matar a lagarta, porque se matar, não tem borboleta.” Momento muito especial que ficou marcado na memória dos alunos até hoje. Quando me encontram no corredor, falam das borboletas. Aprendizagem significativa que gerou um aprendizado e memória para sempre!

Fala 8 – Formação Cristã

Certa vez, propus na formação de gestores das equipes intermediárias que escolhessem um canteiro na Roça de Inácio (horta) para acompanhar durante o ano, observando suas transformações pela interação dos estudantes, das estações e eventos climáticos. Sugeri que fosse um lugar sagrado de oração, busca de sentido, descanso e encontro. Essas visitas foram momentos de grandes encontros, trocas, iluminação e espiritualidade encarnada.

Fala 9 – Ensino Fundamental II

Eu me recordo bastante das atividades realizadas com os alunos do 8º ano e reflexões desenvolvidas nas trilhas ecológicas e do plantio das mudas de reflorestamento em ocasião de uma grande queimada que ocorreu em uma de nossas áreas, formando na prática cidadãos atuantes para um mundo melhor.

Fala 10 – Ensino Fundamental II

Recordo-me das Pausas Inacianas nos jardins interno e externo, facilitando a contemplação da beleza da criação e do amor de Deus. As reflexões propostas nas pausas contribuem para pensarmos em modelos de preservação em meio ao caos assistido em nossa realidade global.

Fala 11 – Ensino Fundamental I

Uma aluna do terceiro ano venceu um concurso em um canal de destaque, cujo prêmio foi convertido em 230 mudas de árvores que evitam o deslizamento de

encostas. Esse fato se deu há um tempo, quando nossa cidade passou por uma tragédia climática.

